

# O Acre 10 anos depois da morte de Chico Mendes

Exploração do látex para borracha está em crise, mas governador eleito quer implementar as idéias do líder seringueiro

Rodrigo França Taves

Enviado especial

• XAPURI (AC). Dez anos depois da morte de Chico Mendes, seu grupo político chega ao poder. Jorge Viana, o engenheiro florestal que foi coordenador político da campanha do líder seringueiro a deputado estadual em 1986, dois anos antes do assassinato, será o novo governador do Acre. Mas a vitória política chega exatamente quando os seringueiros vivem o pior momento. Como o preço da borracha caiu a ponto de inviabilizar a produção, muitos estão abandonando os seringais e seguindo para as cidades. Os poucos que resistem estão devastando a floresta para plantar arroz, milho e feijão ou, pior, para vender o mogno e outras espécies cobiçadas.

Para esses desesperados, a eleição de Viana representa a esperança. No programa de Governo, apoiado por todos os sindicatos rurais, Viana acena com uma política de garantia de preços mínimos para a borracha e para a castanha, o outro produto do extrativismo local. Os seringueiros, promete, terão ainda uma ajuda oficial para o escoamento da produção. Mas como a desvalorização da borracha é um problema sem solução, devido à concorrência dos produtores asiáticos, o governador eleito acha que a única forma de salvar os seringueiros será diversificar a produção.

— Não cabe miséria e pobreza numa das regiões mais ricas do planeta. Os produtos dessa área têm potencial de mercado no mundo inteiro. Vamos ter de substituir a borracha por outros produtos da floresta, como castanha, frutas, óleos, resinas e outros produtos madeiros em algumas áreas. O caro para o Governo é esse seringueiro ser expulso da floresta e vir para as cidades passar fome. Vamos mostrar que vale a pena viver na floresta — diz.

## Governador eleito quer diversificar produção

Jorge Viana quer abrir mercado para cupuaçu e açaí, frutas da região que alguns seringueiros já estão colhendo com sucesso, e incentivar a produção do camucamu, uma fruta pouco conhecida mas com grande quantidade de vitamina C.

As árvores que Chico Mendes defendeu na década de 80, enfrentando a ira dos fazendeiros, estão sendo derrubadas por seus companheiros. Quem ainda insiste em extrair a borracha não consegue escoar a produção, por falta de compradores. Tem de sair com a borracha em lombos de burro, andar dois ou três dias pela mata fechada, pegar um barco e ainda torcer para que a Cooperativa Agroextrativista de Xapuri, criada por Chico, tenha dinheiro para comprar a produção, o que quase sempre não acontece.

## Braço-direito lamenta ausência do líder

— Pelo menos 40% do pessoal que morava na Reserva Extrativista Chico Mendes já foram embora. A produção baixou quase 60% desde a época de Chico. Se

ele ainda estivesse aqui, a situação seria muito diferente — diz o presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Xapuri, Francisco Ramalho de Souza, um braço-direito do líder assassinado.

— Conheço muitas famílias que estão se desintegrando. Pais que abandonam os seringais e acabam vendo suas filhas se prostituir e seus filhos virar marginais. Na cidade essa gente sabe que não tem futuro, mas precisa de uma opção — atesta Zuza, irmão de Chico, ele próprio um dos seringueiros que enfrentam dificuldades financeiras em Xapuri.

— Tenho certeza de que ano que vem muita gente que parou de cortar seringa vai começar de novo. O preço vai subir, pelo menos um pouquinho, e vai valer a pena de novo. A pior loucura que um seringueiro pode fazer é ir embora para a cidade. Lá ele vai passar mal — diz Sebastião Teixeira Mendes, de 53 anos, mais de 30 deles trabalhando no Seringal Cachoeira, onde Chico Mendes "empatou" a venda de uma colação de terra para o fazendeiro Darly Alves da Silva em 1988, alirimentando o ódio que levaria Darly a matá-lo, com a ajuda do filho Darcy, em 22 de dezembro.

## Plantações mais distantes estão sendo abandonadas

O Cachoeira é um exemplo da decadência dos seringais. Depois da morte de Chico, foi criado no lugar o Assentamento Chico Mendes, mas, das 58 famílias que ganharam títulos de posse, apenas dez continuam extraindo o látex. As plantações mais distantes, aonde só se chega depois de um dia de viagem pela mata, já estão abandonadas. São poucos os que conseguiram financiamento.

— É muito triste dizer isso, mas quem não abandonou a borracha e plantou a lavoura se vê obrigado a derrubar as árvores da colação para fazer dinheiro e não passar fome. Conheço seringueiro, daqueles que participaram de muitos "empates" (obstrução da ação das máquinas que destruiriam a floresta) e na companhia de Chico Mendes, que está destruindo a floresta porque não tem para onde correr — diz Isaias Dias da Silva, de 27 anos.

## Desmatamento passa a ser opção para quem não planta

Ele se referia ao Seringal São Miguel, de onde o prefeito de Xapuri, Júlio Barbosa (PT), viu sair na semana passada dois caminhões abarrotados de toras de mogno. A exploração é proibida pelo Ibama. Os sindicatos rurais, mesmo sem a força de antigamente, preparam um "empate" contra os exploradores.

A castanha encontra mercado melhor, mas a usina da Cooperativa Extrativista só beneficiou 28 toneladas na safra do início deste ano, uma quantidade muito pequena para uma região com mais de 30 seringais. Apesar dos problemas, Viana demonstra confiança:

— O que vai ser implementado nesse governo são muitas das idéias que Chico tinha. Vencemos, mas poderíamos ter chegado aonde chegamos sem que ele fosse assassinado — diz. ■



JOAQUIM MORAES, ex-seringueiro, vende pães nas ruas de Xapuri. Ao fundo, na praça, um retrato do líder seringueiro Chico Mendes, morto em 1988

## Dos 'empates' para a entrega de pães

Joaquim lutou contra a derrubada de florestas e hoje precisa da ajuda da pensão do pai

• XAPURI (AC). Por 30 anos, o seringueiro Joaquim Monteiro de Moraes viveu da renda da borracha e da castanha que extraía no Seringal Cachoeira, em Xapuri. Ele nasceu na colação onde seu pai trabalhava, conheceu Chico Mendes nos famosos e bem-sucedidos "empates" contra os fazendeiros que queriam derrubar a floresta e transformar o seringal num pasto, e se tornou um dos braços-direitos do líder assassinado.

Mas há dois anos, derrotado pela decadência financeira da produção de borracha, ele se viu obrigado a vender sua colação e abandonar o trabalho na floresta.

Agora Joaquim perambula pelas ruas de Xapuri. De início vendia picolés, mas como a renda na cidade caiu muito com a crise nos seringais, ele foi obrigado a trocar de ramo e mais recentemente vive de entregar pães a domicílio.

Ganha nessa nova atividade entre R\$ 2 e R\$ 3, em torno de R\$ 80 a R\$ 90 por mês, dinheiro insuficiente para conseguir se manter. Mas como cuida do pai doente, acaba também se beneficiando de sua aposentadoria de um salário-mínimo.

Ele sonha com o dia em que poderá voltar para os seringais.

— Os patrões não existiam mais, a cooperativa criada por Chico ainda ajudou por uns dias comprando a borracha, mas um dia acabou e foi ficando todo mundo desesperado na mata. Os marreteiros que compravam a produção foram embora. Se quisesse vender, tinha de botar a borracha no lombo e viajar dois dias. Às vezes só conseguia alguma coisa à base de troca — diz.

Como Joaquim, mais de dez mil seringueiros já abandonaram seus postos de trabalho na mata, numa avaliação do próprio sindicato. Foi-se o tempo em que o seringueiro conseguia viver bem só da seringa, quando a borracha tinha um bom preço no mercado internacional.

O Governo federal, que após a morte de Chico Mendes criou as reservas extrativistas e acabou com os conflitos por terra na região, prometeu também subsidiar a borracha pagando R\$ 0,90 e não cumpriu.

A Cooperativa Agroextrativista de Xapuri, que mantém uma usina de beneficiamento, ainda tentou comprar a borracha bruta por R\$ 0,70 dos associados para vendê-la beneficiada à Pirelli por R\$ 0,78 o quilo. Mas logo viu que era uma operação deficitária e diminuiu seu ritmo quase por completo.

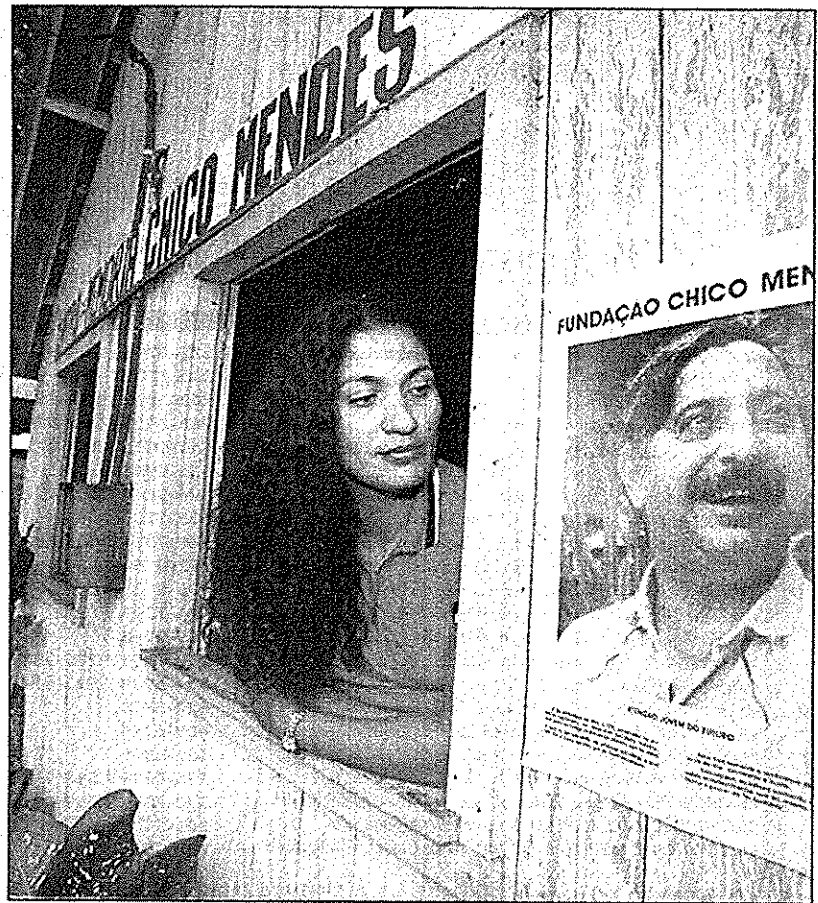
Joaquim confessa sentir saudades da colação Espera Af, a 20 quilômetros da fronteira com a Bolívia.

— Tiro só 5% de cada pão que vendo, mas já tenho os fregueses certos e é um dinheiro que dá para contar. Mas se pudesse, estaria lá mesmo dentro da mata — diz.

Joaquim faz ponto quase todos os dias na Praça São Sebastião, no Centro de Xapuri, perto de um outdoor com uma foto de Chico Mendes, colocado ali numa homenagem do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Como Joaquim, muitos seringueiros aposentaram a cabrita, a faquinha usada para sangrar a seringa e extrair o látex, e enfrentam dificuldades financeiras. Em Brasília, a 70 quilômetros de Xapuri, os seringueiros estão vivendo em três vilas miseráveis, Sumaúma 1, 2 e 3 (todas criadas depois da morte de Chico Mendes), de forma precária, com barracos de madeira sem água, luz nem esgoto.

Mas numa região onde o orgulho nunca esteve tão ferido, onde tantos seringueiros estão vivendo como miseráveis e morando em barracos de periferia, qualquer alento é importante e todas as esperanças estão depositadas no novo governo.



ILZAMAR MENDES, viúva de Chico, na fundação em memória do sindicalista

## Viúva afastou-se dos companheiros

Fundação presidida por Ilzamar não tem dinheiro sequer para pagar contas

• XAPURI (AC). A Fundação Chico Mendes, criada dias após a morte do líder seringueiro para dar assistência aos companheiros dele, não tem dinheiro nem para pagar contas atrasadas de água, luz e esgoto. Ilzamar Mendes, viúva de Chico e presidente da fundação, deixou os salários dos vigias e do irmão de Chico, Zuza, que é o vice-presidente, atrasarem dois meses. Administradora do Museu Chico Mendes, que funciona precariamente na casa onde a família morou, a fundação pode passar pela constrangedora situação de estar fechada no dia 22, quando os seringueiros deverão se reunir em Xapuri para participar de assembleias e missas lembrando os dez anos da morte de Chico.

Parte da penúria se deve às brigas entre Ilzamar e seguidores de Chico, entre eles o prefeito de Xa-

puri, Júlio Barbosa, e a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e do Conselho Nacional de Seringueiros. As divergências — motivadas pelo dinheiro referente aos direitos de um filme sobre a vida de Chico — começaram meses depois da morte e levaram os sindicalistas a invadir por 15 dias o prédio da fundação.

## Fundação ficou fechada quatro anos por causa de briga

A Justiça interveio e a instituição acabou fechada por mais de quatro anos. Só reabriu este ano, por força de sentença dando a Ilzamar o direito de se manter na presidência. Nesse período, a fundação deixou de receber doações e de celebrar convênios e seu patrimônio se deteriorou. Ilzamar acusa ex-colegas de Chico, como o presidente do sindicato, Fran-

cisco Ramalho, e seus companheiros, de terem feito uma campanha de difamação contra ela.

— Esse povo não tem moral, principalmente depois que deixou o Alvarino, irmão de Darly Alves da Silva, virar sócio do sindicato — diz.

— O movimento sindical abandonou a fundação, que só recebe dinheiro e ninguém sabe onde aplica — diz Ramalho.

Como não reconhece os antigos colegas de Chico, Ilzamar hoje é mais ligada ao senador Flávio Melo (PMDB). Foi através dele que conseguiu do Governo um convênio de R\$ 275 mil para recuperar e ampliar a fundação e seus projetos assistenciais. Mas só recebeu a primeira parcela, de R\$ 125 mil.

Ilzamar vive do salário do atual marido, funcionário público em

Rio Branco, onde mora. Ela diz que os filhos de Chico, Elenira, de 14 anos, e Santino, de 11, recebem apenas uma pensão de R\$ 130 do INSS deixada pelo pai, e nega que receba ou tenha recebido qualquer doação em dinheiro de organizações ambientais do exterior. Indignada, garante que, diferentemente do que muitos pensam, não ficou rica depois da morte de Chico.

## Ilzamar se recusa a participar das homenagens no dia 22

Ilzamar também não admite participar das solenidades programadas pelo sindicato e pelo conselho, que incluem um congresso uma feira de produtos artesanais e, no dia 22, uma missa campal, um ato público e uma visita ao túmulo de Chico Mendes, no cemitério de Xapuri. ■